

O jovem e o Centro Espírita

“– Deus te abençoe e te proteja. Não te esqueças de que a marcha para o Cristo é feita igualmente por fileiras. Todos devemos chegar bem; entretanto, os que se desgarram têm de chegar bem por conta própria.”¹



Clara Lila Gonzalez de Araújo

claralilazez@gmail.com

As palavras de Paulo, colocadas como referência principal sobre o tema, nos fazem pensar no jovem João Marcos, que se despedia do apóstolo e de Barnabé, seu tio, após viagens realizadas pelo grupo, nas primeiras lidas apostólicas. A reprimenda recebida pelo moço seria lembrada ao longo de sua existência. Marcos tornou-se evangelista e, segundo depoimentos de Pedro, registrou de forma superior as passagens vividas por Jesus no decorrer do seu abençoado ministério na Terra. Exemplo que se destaca na História do Cristianismo e que poderia ser imitado por qualquer jovem espírita.

Infelizmente, a realidade atual da adolescência parece contradizer essa hipótese.

Há poucos meses ouvimos de um orador, prezado amigo de nossas relações, que o Centro Espírita estava envelhecendo e necessitávamos fazer alguma coisa para atrair mais jovens que se interessassem em servir à causa do Espiritismo.

Da mesma forma, em fevereiro deste ano, ao participar de reunião administrativa sobre a programação de 2017 da Casa Espírita que frequentamos, ouvimos da presidente a informação de que, após levantamento estatístico, verificara que grande parte dos tarefeiros pertenciam

à terceira idade. A despeito de possuir certo número de jovens em suas fileiras de trabalhos práticos, a referida instituição, com quase 80 anos de existência, frui de muitos companheiros idosos, que ingressaram ainda moços nas tarefas do Centro, na segunda metade do século XX, persistindo desde cedo no trabalho de amor que abraçaram.

Outros casos corroboram para chegarmos à conclusão de que os jovens estão se afastando da Casa Espírita: há poucos anos, uma das instituições espíritas mais antigas, situada em importante capital do Brasil, tentou reabrir o curso de evangelização para a mocidade – a

partir de 14 anos –, recebendo apenas uma inscrição de matrícula para sua classe inicial e surpreendendo os organizadores da proposta. No entanto, as reuniões se iniciaram normalmente, sem prejuízo para o adolescente inscrito, que foi agraciado com aulas individuais e com a excelente integração entre ele e o evangelizador, no diálogo promovido entre os dois companheiros.

Surge, pois, a pergunta: O que está acontecendo com os jovens, sobretudo os que possuem características iguais aos que sempre atuaram no Movimento Espírita brasileiro, cheios de motivação e de coragem?

Recordamo-nos dos vários encontros, seminários, reuniões nacionais, estaduais e regionais, alguns com a duração de muitos dias, alegres e festivos, de capacitação e de preparação dos trabalhos doutrinários, cujos resultados enalteciam o coração dos jovens espíritas, prontos a servirem a causa do bem maior, iluminados pelos ensinamentos de Jesus e de Kardec.

Quanta solidariedade por parte dos servidores voluntários que ajudavam na preparação e na logística dessas reuniões, ao expressarem sua vontade sincera de atender a juventude que se colocava à disposição para a labuta maior! Os recursos financeiros eram pou-

cos; contudo, sempre surgiam pessoas generosas a auxiliarem na arrecadação de dinheiro, para compra das muitas necessidades materiais exigidas na organização dos eventos. Sem dúvida, ainda hoje, encontramos pessoas que se colocam à disposição para contribuir com as campanhas, ou na compra de materiais primordiais usados pelos grupos espíritas, apesar dos tempos difíceis pelos quais passamos.

Jovens, em caravanas, partiam de suas cidades, utilizando todos os tipos de transporte e convictos de que haveriam de receber o amparo dos amigos do invisível, agrupando-se, animados e felizes, fruto da simpatia entre todos e da oportunidade de viverem juntos as experiências que os fariam conhecer as excelentes práticas espíritas, planejadas e desenvolvidas em todas as regiões do Brasil. Atualmente, realizam-se poucos eventos como esses. As iniciativas das instituições de se reunirem com a mocidade para fazê-la integrar-se aos trabalhos planejados são fruto do esforço pessoal de devotados trabalhadores, que acreditam ser impreterível a participação da juventude no Movimento Espírita brasileiro. Isso, porém, apenas ocorre em determinadas capitais e cidades do interior.

O fato é que o número de jovens diminuiu sensivelmente na seara espírita de nosso país. Temos a certeza de que os moços podem servir aos centros espíritas, desde que recebam a orientação segura e responsável dos pais, que são incumbidos de prepará-los para adquirir qualidades essenciais e saudáveis em favor do engrandecimento de suas vidas terrena e espiritual. Como educadores essenciais, devem nortear os passos juvenis de seus filhos, abrindo campo para que desempenhem tarefas espíritas, assim lhes poupando contrariedades e insucessos nas diferentes experiências humanas.

É imprescindível destacar que a interação de Allan Kardec com a juventude foi intensa, tendo uma facilidade de convivência extraordinária, familiaridade possibilitada no exercício do magistério.² Apesar do tempo que nos separa da época do surgimento do Espiritismo, é possível avaliar a importância que Kardec deu aos moços, sobretudo, ao iniciar suas observações quanto à pureza mediúmica de certos jovens, apresentados a ele nas reuniões de estudos sobre as mensagens dos Espíritos que haveriam de elucidá-lo no trabalho engrandecedor de codificação da Doutrina:

Foi nessas reuniões que comeci os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; a partir dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. [...]³

Nos tempos atuais, as novas gerações surgem para atender o chamamento de Jesus, e retornam ao corpo de carne para pregar a Boa-Nova, com o propósito de fundar a era do progresso moral. São os novos espíritas, que, embora não sejam exatamente seres evoluídos, desfrutam de certo progresso espiritual e se acham predispostos a assimilar concepções transformadoras, de cunho religioso, científico e filosófico, que lhes permitam agir em favor da consolidação do movimento de regeneração do Orbe.

Reconhece-se, todavia, que nem todos os jovens usufruem de condições espirituais ideais, fruto de suas tendências trazi-

das de vidas pretéritas que influenciarão fortemente as experiências recém-adquiridas. Nem sempre, a cada reencarnação, os jovens recebem a orientação segura e responsável daqueles que os acolhem como pais, apoiando-os para vencerem a si mesmos. Um número significativo deles é prejudicado pelas desavenças de lares desestruturados e, de forma irresponsável, são largados pelo mundo na busca de prazeres fáceis, no cultivo de paixões e de sentimentos inferiores. Tornam-se indiferentes como resultado de estímulos excessivamente materialistas, redundando em apelos desenfreados ao consumismo ou na valorização do prazer físico, em detrimento de qualquer outra responsabilidade moral. Em decorrência desse acendrado interesse mundano os adolescentes passam a querer experimentar novas sensações que lhes excitam a personalidade, como, por exemplo, o uso de drogas e de bebidas alcoólicas, motivados pela propaganda da mídia e pelos péssimos costumes defendidos por certos grupos da nossa sociedade.

Em face desses problemas aflitivos, cabe aos pais espíritas todos os esforços para a educação doutrinária de seus filhos, o que talvez venha a exigir renúncias e sacrifícios de uma encarnação inteira. Não

basta apenas encaminhá-los ao Centro Espírita para que frequentem escolas de educação doutrinária; é preciso prepará-los nos próprios lares onde receberão as bases dos ensinamentos espírita-cristãos, adquirindo qualidades essenciais que constituem o homem de bem e não se deixando influenciar pelos conturbados problemas sociais que os ameaçam.

É com a visão correta sobre a realidade e o futuro do Espírito, orientando-os, sempre, sobre a origem do ser e do destino humano, além da prática da caridade e do comportamento verdadeiramente cristão, que os jovens espíritas se conscientizarão da necessidade de se manter no caminho que haverá de levá-los ao Cristo, conforme palavras de convocação do Apóstolo Paulo, para a tarefa de amor que nos aguarda.

REFERÊNCIAS:

¹ XAVIER, Francisco C. *Paulo e Estêvão. Pelo Espírito Emmanuel*. 45. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2016. pt. 2, cap. 4 – *Primeiros Labores apostólicos*, p. 310.

² PUGLIESE, Adilton. Allan Kardec e os jovens. *Reformador*. ano 123, n. 2.117, ago. 2005. p. 18(296)-20(298).

³ KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB. pt. 2, *Extratos, in extenso, do livro das Previsões relativas ao espiritismo*, it. A minha iniciação no Espiritismo, p. 240.